

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa
Officinas de impressão - R. da Atalaia, 134
Redacção e administração - Calçada do Cambro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Congresso Internacional

Havia a U. O. N. convocado para o mês de Agosto o II Congresso Nacional Operário, reunião esta que foi forçada a antecipar em presença do convite que vem de receber da Confederação Geral do Trabalho de França para enviar delegados a Conferência Operária Internacional, que a partir de 28 de Julho se realiza em Amsterdã, convite a que a Central dos Sindicatos resolveu aquiescer, deliberando fazer-se representar por dois delegados.

Só um acontecimento internacional da importância do que acaba de levar a U. O. N. a abreviar a realização do seu Congresso podia determinar semelhante resolução, uma vez que pouco mais dum mês tem a comissão organizadora da reunião de Coimbra ante si para elaborar os trabalhos que na mesma reunião hão de ser discutidos, do mesmo passo que os sindicatos do país tem que desenvolver a máxima actividade e fazer um não pequeno esforço para enviar a Coimbra os seus representantes.

Não era de boa tática - e isto o reconheceu a comissão organizadora do Congresso de Coimbra, com o consentimento do Conselho Central - que a organização sindicalista portuguesa mandasse a Amsterdã quaisquer representantes seus sem que estes fossem habilitados a definir, perante os representantes do operariado internacional, os pontos de vista da organização proletária portuguesa acerca dos magnos assuntos que vão ser postos ante a reunião internacional.

De outro caso desde que esses delegados possam traduzir as aspirações da massa organizada de Portugal, não só acerca dos problemas de ordem interna, que vão ser postos no Congresso de Coimbra, mas também sobre as questões de natureza internacional constantes da ordem de trabalhos da Conferência de Amsterdã, sobre as quais se deve pronunciar a organização operária portuguesa no seu próximo Congresso, a fim de que os delegados à primeira das referidas assembleias possam levar-lhe resoluções.

Não sabemos nós se as centrais sindicais de todos os outros países, convidadas a fazer-se representar na Conferência de Amsterdã seguirão orientação idêntica à da nossa Central dos Sindicatos. É possível que nem todas procedam de idêntica forma, mas estamos certos que só o não farão por qualquer destes dois motivos: porque já se pronunciaram sobre os assuntos a discutir na Conferência de Amsterdã, e assim encontram-se naturalmente aptas a exteriorizar o seu sentir, ou porque, depaíses de mais vasta organização que o nosso, não lhes será possível realizar em curto prazo uma reunião nacional.

Estamos, porém, convencidos, porque seria absurdo supor o contrário, que nenhuma das centrais do estrangeiro reputará errônea ou falha de senso a orientação seguida, sobre o assunto, pela União Operária Nacional.

Reunião de Federações

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa, de acordo com a União Operária Nacional, convidada por este meio as federações de indústria a enviarem dois delegados hoje, às 15 horas, a uma reunião que effectua na sua sede para resolver sobre a solidariedade a prestar neste momento aos grevistas da Companhia União Fabril.

Breve dos telegrafos nos Estados Unidos
WASHINGTON, 7. - Nem todos os estados do sul aderiram a greve dos Empregados dos telegrafos.

O II Congresso Operário Nacional

Realiza-se em Coimbra nos dias 19, 20 e 21 de Julho e não na data primitivamente fixada

O Conselho Central da União Operária Nacional, antevendo reunião, aprovou, por unanimidade, um parecer que lhe foi presente pela comissão organizadora do Congresso Operário Nacional, tendo sido resolvido antecipar, em harmonia com as conclusões do referido parecer, a data da realização do mesmo Congresso, que havia sido marcado para os dias 9, 10 e 11 de Agosto, congresso que agora está convocado para 19, 20 e 21 de Julho próximo, na mesma cidade de Coimbra.

Publicamos em seguida esse parecer para conhecimento da organização sindical:

A Comissão Organizadora do Congresso Operário Nacional, em harmonia com a resolução tomada pelo C. C., na sua sessão de 3 do corrente, reafirma e aprecia a possibilidade da U. O. N. enviar delegados à Conferência Internacional de Amsterdã, desde que se effectue o Congresso Nacional antes da partida dos referidos delegados para a referida Conferência.

Esta comissão, ponderando a questão material, em primeiro lugar, achou para a mesma uma solução, que se lhe afigura satisfatória, porisso que, como neste momento estão vários sindicatos com trabalhos de organização que demandam despesa não se poderá contar com o pagamento da cota, pelo menos no tempo devido, para as despesas com o envio de delegados a Amsterdã.

A data do Congresso Nacional poder-se há alterar para 19, 20 e 21 de Julho, ou seja cerca de 10 dias antes da data do de Amsterdã, desde que para

a effectivação daquele haja a imprescindível propaganda, mas contando-se igualmente com a provável diminuição de sindicatos que ao mesmo viessem a aderir.

Atendendo, porém, a que há toda a necessidade e conveniência em que a organização operária portuguesa entre desde já no concerto das organizações operárias dos outros países, crede esta comissão que as principais dificuldades se removam pondo em prática o seguinte:

1.º Colectando-se os sindicatos com uma verba extraordinária destinada à ida dos delegados a Amsterdã;
2.º No caso de no tempo devido não se receber essa cotização para as despesas, fique a Comissão Administrativa autorizada a obter um empréstimo da importância que faltar, procedendo-se depois ao pagamento daquele empréstimo logo que todos os sindicatos entrem com as respectivas cotas;

3.º Fazendo A Batalha uma intensa propaganda, da qual até ao Congresso Nacional, para que os sindicatos reconheçam a necessidade de que se effectue antes da data já fixada, encarecendo a importância da Conferência Internacional, conhecida que seja a sua ordem de trabalhos, e a necessidade que a Central dos Sindicatos Portugueses tem em se fazer representar;

4.º Activando esta comissão os seus trabalhos de organização do Congresso Nacional.

Lisboa, 5 de Junho de 1919. - A comissão, Manuel J. de Sousa, Joaquim Francisco, António Gomes do Amaral, Abel J. Pereira.

ESCLARECENDO

Tem A Batalha, até hoje, mantido uma orientação cor da, quanto ao ataque às grandes injustiças sociais e aos comentários a propósito dos variados assuntos de que tem tratado, dia a dia.

Mas porque a sua orientação e a sua crítica assim tem sido feitas, as classes dirigentes - os governos, os proprietários, os industriais, os comerciantes e os banqueiros, toda essa gente que vive parasitariamente à custa do esforço ingente dos que produzem, sofrendo cruéis dores - tem suposto que a nossa brandura é o reflexo da força que a organização operária portuguesa possui.

De facto, não era assim. A orientação de A Batalha, era ainda o reflexo do espírito do Congresso de Tomar.

A Batalha, sem uma resolução em contrário do mais alto organismo operário português - a U. O. N., de que é órgão - não poderia definir, precisar claramente uma orientação e por ela gizar o seu procedimento.

Publicava artigos vários sobre assuntos de carácter social, nos quais se encontravam conclusões que por vezes se chocavam entre si, e isto acontecia, menos porque não fossem por nós notadas as contradições, do que por desajarmos ter campo aberto para a discussão livre.

Nem sempre o entenderam assim os nossos naturais inimigos - o Estado e o patronato.

Porém, o Conselho Central da U. O. N., que se apercebeu do facto, e ainda porque era necessário que a A Batalha exprimisse claramente as aspirações da organização operária, de que este jornal é porta-voz, depois de duas sessões de acalorada discussão, votou a seguinte moção:

«Considerando que a comissão redactora de A Batalha não tem podido dar a este jornal uma orientação definida e inofensiva no sentido claramente revolucionário e emancipador por ter de se reportar ao disposto nos estatutos da U. O. N. e ter em atenção o espírito contemporizador, do Congresso de Tomar;

Considerando que esse espírito assim como os referidos estatutos foram determinados pela necessidade de que a época se impunha de harmonizar correntes de certo modo divergentes, de que resultava o desperdício de esforços em prejuizo da organização operária;

Considerando que presentemente tais factos já não subsistem, pois acontecimentos posteriores, tais como a harmonia e convergência de esforços para o robustecimento da organização, a aproximação de certos elementos de escolas sociais diferentes na crítica e combate à grande guerra e sua directa principal determinante - a carestia da vida, o inicio da revolução social na Rússia, ameaçando estender-se aos demais países da Europa e da América e

que de certo modo parece aproximar definitivamente todos os militantes sociais na grande obra renovadora da sociedade, e ainda as manifestações revolucionárias das massas trabalhadoras destes últimos tempos - são indícios suficientes para levar o C. C. ao convencimento de que não deve por mais tempo persistir numa situação confusa, e sobretudo o seu órgão na imprensa;

Considerando, pois, que A Batalha deve inspirar-se no desejo das massas organizadas e não partir de resoluções já consideradas arcaicas, por isso que já não satisfazem as modernas aspirações do proletariado, pelo que se deve inserir nas suas colunas matéria que esteja nessas circunstâncias, salvo se a sua redacção a contradit e esclareça;

O C. C. da U. O. N., resolve:
1.º Autorizar a comissão redactora a imprimir à Batalha uma orientação francamente revolucionária e emancipadora dentro da luta de classes sociais, que vise inofensivamente à supressão do salariato e do patronato;

2.º Convidar a referida comissão redactora a só consentir a publicação em A Batalha de artigos acerca de estudos de economia politica burguesa ou ideais de feição democrática, quando sobre os mesmos possa estabelecer a controvérsia ou produzir esclarecimentos, em anotações especiais, ou ainda os comentários devidos, nos quais se ressalve a orientação constante do n.º 1.º

UMA GRANDE FESTA FLUVIAL

A Vila Franca de Xira no próximo domingo

Os bilhetes da excursão ficarão ontem quasi exgotados

O grande número de bilhetes depositados na nossa administração para o passeio fluvial a Vila Franca de Xira, a realizar no domingo próximo, exgotou-se ontem completamente, tão grande foi a procura. Daqui se vê como foi coroada de êxito a feliz iniciativa da comissão de amigos de A Batalha, promotora do passeio. Alguns bilhetes restam ainda em poder desta, mas a sua venda, estamos certos, não se fará esperar.

O itinerário da excursão é o seguinte, tal como se encontra actualmente delineado:
Embarque às 6,30, rigorosamente prefixas, na ponte do caminho de ferro do Sul e Sueste, no Terreiro do Paço. Seguirá o vapor Alentejo rio abaixo, pela margem norte passando assim em frente à praia de Algés e outras pitorescas localidades; tais como Caxias, Oeiras, Paço de Arcos e S. Julião da Barra, onde se detêr algum tempo, para proporcionar aos excursionistas a fruição do delicioso panorama que daquele ponto se pode admirar. O Alentejo mudará segundamente de rumo em direcção à praia da Trafaria. Dirigir-se há depois para Pórtio Brandão, localidade ante a qual se fará uma curta paragem. O barco toma em seguida o rumo de Vila Franca, onde se calcula que chegue cerca das 13 horas. Nesta vila se efectuará o desembarque, sendo os excursionistas recebidos pelas organizações operárias locais. O embarque para Lisboa effectuar-se há às 17,30 em ponto, dando assim tempo aos excursionistas de apreciarem os mais interessantes aspectos de Vila Franca de Xira. A bordo funcionará um bufete, da qual são excluídas bebidas alcoólicas. A Banda da Sociedade Musical do Beato tocará durante o trajecto, além das mais belas peças do seu repertório, o hino revolucionário A Batalha.

A comissão promotora da excursão vai enviar-nos mais alguns bilhetes que na nossa administração, e ao preço de \$500, serão postos à venda hoje, das 16 às 22 horas.

OS FORÇADOS

O GUANO

UMA INDÚSTRIA DE MATÉRIAS PODRES

Trago ainda no nariz, sobre o caso, sobre o meu todo, como uma obsessão, o cheiro pesado, esmagador, daquele conjunto de coisas imundas que constituem o que se chama o guano, e já lá vão dois dias que trepei a encosta da serra do Monsanto, em peregrinação a ver aquela indústria de putrefacções. Lá no alto, sobre um morro que domina a vasta planície dos arredores da cidade, vergastada pelas correntes da serra e pela aragem perfumada dos eucaliptos e das oliveiras das bandas de Campolide, a fábrica mantém-se firme, invencível, verdadeiro reduto de pestilências resistindo a todas as rajadas sádias, a todos os zéfiros purificadores. O ar circula livremente numa vasta extensão; pelos arredores em peregrinação, fornos de cal que deprimam a atmosfera e, no entanto, a uma grande distancia da fábrica do guano, o cheiro agride, e à medida que avanço tenho a impressão de que vou visitar um capoe de batalha, uma dessas batalhas antigas, seguidas de perto pela acumulação de cadáveres abandonados, insensíveis.

Um vento, a espaços, levanta a poeira branca da estrada, uma fita comprida que vai findar lá em cima, num castiçal caído, com muitas jmeas, varrendo constantemente os arredores, e no entanto o cheiro persiste, aumenta arrastando não sei que suggestões longíquas, que insinuações singelissimas de alguns contos de Edgar Poe, ou quadros

atascando... por aqui... por aqui... Isso para al são tripas que veem do matadouro; adiante é estreme, restos de comida apanhada ainda na barriga dos animais que para cá mandam, ou se matam aqui... Ali é cinza dos fornos da cal, acolá casca de sobreiro, adiante cal para mistura com tudo aquilo que vai para o lume a cozer. Mais para acolá, são bocados de galinhas, cães, gatos, animais muidos que escusam de ir à caldeira, porque já veem suicientemente podres para pouparem combustível, de modo que são postos ao ar - o sol que os queime. E lá me vai sempre enumerando, indicando, apontando, uns montes escuros como bórta de gaz, ou terra preta, estrumada, em que não consigo distinguir nada do que me explicam.

«Mas onde fica então a caldeira?» - pergunto na preocupação de mudar sempre de lugar, e conseguir afinal ver o fabrico do guano, ver emfim como se trabalha naquela indústria e de súbito estaco, de frente de uma porta, espedaçado, estorço-me por dominar o vômito eminente.

Lá dentro, pelo chão em lagedo imundo, distingo cadáveres de quadrúpedes, couros aviados, acamados, pelos, poças de sangue, gorduras amareladas, pedaços de carne ensanguentada junto a qualquer coisa que me parece um cabrito monstro esfolado, e no lugar do ventre, um balão enorme esverdeado,



Esfolando uma egua

de Crôis, de Delacroix, sobre pestes, morticínios, devastações, horrores. Assalta-me a ideia da fuga, sentindo-me incapaz de penetrar lá dentro, naquele depósito de coisas podres, naquela oficina de matérias deterioradas, e só então me ocorre o fim daquela escalada.

Lá dentro não há cadáveres, a não ser de animais, mas há homens, gente viva, que vegeta ali em contacto com a podridão.

Lá dentro há homens que trabalham, que lidam com a causa daqueles exalações, que nos fazem esquecer por momentos...

Oh!... Se não fora a lembrança que eles são eternamente esquecidos, pelo grosso da multidão indifferente, que se neurastenia na vertigem de falisimos progressos, como soieria ali sózinho, na estrada, como uma passadeira até à entrada para a fábrica de adubos de... carne, num arrendimento, daquele olvido momentâneo!

E foi assim que me encorajei, a estugar o passo, e penetrar lá dentro, fugindo-me sempre.

«Lá dentro há homens... Lá dentro vive-se...»

Logo à entrada uma lufada morna, um bafo quente, aquela exalação a gado que se recebe nos estâbulos, sacode-me, livrando-me da tortura do cheiro insuportável, pelo vulgarissimo fenómeno psicologico do retardar a fadiga, pela variação, e creio ser a causa da resistência aquela excursão, a vertiginosa variedade de horrores e de scenários tenebrosos e nojentos.

Cruzam o ar emanções diversas, e à medida que sigo um operário que me abriu a porta, por entre montões de massas negras, como estrumeiras fermentando, tudo aquilo trescala a peixe, a carne, a frutas, e não sei que mais matérias em decomposição.

Enfiamos por um corredor formado por sacaria, amontoadas sob um telheiro carunchoso, sofrendo af um pronunciadissimo odor a criação putrefacta, desembocamos num largo, com mais montes negros, numa successiva mutação de cheiros, que me aturde quasi, e a correr, precipitadamente, desceemos umas escadas trêmulas, desengonçadas, que me conduzirão, se lá chegar, à caldeira da cozedura, e fábrica de adubo.

O operário pelo caminho fala-me das sacas, e avisa-me, ensinando-me a patinhar, ou ligir, daqueles fragmentos de carne dispersa, em várias lases do fabrico.

A sacaria continua pomas de várias aves, e não se sabia ainda a applicação que teriam.

«Os alemães empregam-nas em edredons.»

Tem para isso aperfeiçoados maquilinismos.

«Nós cá é tudo à mão... Lá se ia

sugerindo-me um fel de porco, ou vaca, imenso, descomunal. Ao fundo, no escuro, trabalha-se ouço ruidos, secos, bruscos, semelhantes a um desmanchar de caixões. Vacilo, e sem saber como, encontro-me em frente das caldeiras depois de pizar, e tropeçar, como num pesadelo, em patas, queixadas, orelhas, uma infinidade de partes miudinhas de animais que se estrangalhassem por efeito de uma explosão.

«Dificilmente ouço o operário que me acompanha dizer que se está esquarte-

ando, uma meia dúzia de burros, e esfolando uma egua.

Será talvez o que eu consegui ver de relance que me pareceu um cabrito.

Veem mais detalhes de applicações de couros, ossos, e da maneira de meter tudo aquilo na caldeira. Percebi que me falou em cal, potassa, adubos gordos, vinhas, e pomares, mas não tive nada por que a nausea o espanto, o calor, e os vapores suado duns painellos grandes, as moscas, e a vontade de ver a manufactura do que é talvez me estivesse explicando, me empediam atrozmente.

«E pestilento o fartum que se respira, em que há combinações de gorduras, sangue diversos, e vaporadas fénicas, na entrada de peixe negro, azeviche, que se some e se desfaz naquela espuma escaudante das caldeiras funcionando.»

«Assombra, a variedade de emanções, que mesmo lá dentro, num espaço fechado, chegam de fora diminuindo o

cheiro das matérias descompostas, que vem amontoando para as submergir nas caldeiras.

«Eis-me, outra vez na mesma escada, que nos conduz cá acima a uma meia laranja, livre, não sei como, daquele ambiente infecto, deletério, e ainda para mais carregado de coloridos, de visões trágicas, verdadeiramente fétidas.

«Ouço dizer, o que me surpreende, que há outra porta de saída e que até lá, verei o resto.

Sinto um segredo jubilo. Acabar-se o horror, vou enfim assistir à preparação talvez mecânica, mais acada, menos repugnante, dos tais adubos de carne. Como me enganell... Na minha frente, como um scenário fantástico, como numa alucinação, abre-se uma galeria tenebrosa, macabra, como uma galeria de catacumbas. Acamados, empilhados por especialidades, formando um longo corredor, vejo a mais formidável pilha de ossos que em minha vida me foi permitido avallar. Como num museu de pavores, a que só faltassem etiquetas, pasmei diante de um armazem de fíbrias, fêmeas, crâneos, costelas, e queixadas de vários animais, que servem, ao que me diz o meu guia, para colas, botões, e... eu podia lá apanhar o que éle me disse... Depois são mais corredores no mesmo género, em tudo que é susceptível de apodrecer, que vão para ali, para aquele entreposto de matérias deterioradas, porque o guano é obrigado a aceitar tudo quanto esteja aviado, encarregando-se de lhe dar sumiço, purificando tudo pelo fogo.

«Veja, diz-me éle... ali são laranjas, veem inutilizadas de bordo; ali pedacinhos dos frigoríficos, ali batatas; aqui é arroz, acolá é mais peixe, miúdo; olho e só vejo numa pungente ironia, montões escuros, negros, acizentados, ou castanhos, com montões de escremento, lódo, ou lixo.» - Eis todo o nosso serviço, diz-me apontando a porta que supunha mais distante.

«Então o serviço é... Mexer, remexer, misturar, com cal, e outros produtos tudo isto que viu, reduzir a pó, pelo fogo, depois peneirar e por, fim encasar, ficando pronto a ser empregado o guano, para adubar com vatagem todos os terra-

O PROLETARIADO E O ESTADO

O reconhecimento da U. O. N.

«Ao Estado, mais do que a ninguém, é que convirá» - diz-nos um funcionário superior do Ministério do Trabalho

Após Monsanto, quando as hostes populares desbarataram as forças da reacção, manifestou-se uma tendência, derivada da atmosfera desses dias trágicos, para o reconhecimento da U. O. N. Falou-se amindadas vezes na reforma da arcaica lei das associações de classe, num sentido que esse reconhecimento permitisse, tendo havido mesmo um ministro que até há pouco sobragou a pasta do trabalho, que pensou esse corporizar essa tendência.

«É preciso que se note, porém, que a U. O. N. é estranho que o Estado a reconheça ou não oficialmente, porque isso em nada implica com o seu regular funcionamento. Governos de toda a espécie tem tentado exterminá-la, lançando para isso mão de todos os recursos - mas a U. O. N. continua existindo, cada vez mais robusta e poderosa, enquanto esses governos tem baqueado.»

Todavia a reforma da lei das associações de classe não deixa de nos interessar, interessando igualmente à opinião proletária, sobretudo como sintoma da attitude dos governantes perante a classe trabalhadora. Inquirir, pois, do que acerca dessa reforma pensa entidade autorizada, era o caminho que nos estava indicado. Procurámos, pois, o sr. Alfredo Pinto, funcionário superior do ministério do trabalho que, segundo informações que temos, ao estudo da lei das associações de classe bastante se tem dedicado.

O Estado tem conveniência em reconhecer a Central dos Sindicatos

Uma sala vasta, que duas janelas rasgadas para o Terreiro do Paço inundam de luz; dezenas de empregados trabalhando naquele ambiente morno. A um recanto, de frente de uma secretária litoralmente coberta de montes de papelada, o sr. Alfredo Pinto.

«Uma apresentação breve, o fim que ali nos levava exposto em frases curtas, e o sr. Alfredo Pinto, «diz-nos, acenando bem as palavras, como quem lhes mede bem o sentido:»

«Sempre tive a opinião de que o Estado reconheça a U. O. N., porque se algum inconveniente existe, é precisamente em não fazer esse reconhecimento, ao mesmo tempo que recebe delegados dessa organização e com eles trata questões graves. Reconhecendo a U. O. N., desapareceriam esses inconvenientes e o triste espectáculo dos governos serem forçados a tratar com uma agrupação que não reconhecem e até combatem.»

«E v. ex.ª realizou algum trabalho com esse intuito?»

«Quando fazia parte do Conselho Superior de Previdência Social, ainda no tempo de Sidónio Pais, foi elaborada um projecto de reforma à lei das associações de classe, reforma esta baseada no projecto do sr. Machado Santos. Propuz, então, que a nova lei autorizasse a formação de associações mixtas nas localidades onde os ope-

rários de cada officio não chegassem para a formação legal do respectivo sindicato e o reconhecimento da U. O. N., que justificaria a necessidade evidente que nisso tem os poderes constituidos.

«E porque razão não foi promulgada essa reforma?»

«Como já lhe disse, estava então no poder Sidónio Pais.»

«Este, quando teve conhecimento da reforma, repetiu-a, dizendo a dizer: «Então, quando eu trair de dar cabo da U. O. N., é que vocês propõem o seu reconhecimento?»

«Em virtude desta franca opposição, o sr. Henrique Forbes Bessa, então ministro do trabalho, mandou cessar os estudos que o Conselho Superior de Previdência Social estava realizando.»

Porque é que Dias da Silva não realizou o reconhecimento

«E como explica que tendo estado a sobraçar a pasta do trabalho o sr. Augusto Dias da Silva, que é membro do Partido Socialista, esse ministro não tivesse promulgado a lei?»

«Não sei bem as razões que levaram o sr. Dias da Silva a assim proceder, tanto mais que estando o govêrno em ditadura, fácil lhe seria a promulgação do reconhecimento da U. O. N.»

«E agora? Não se pensa em effectivar a reforma da lei?»

«Actualmente nada se faz nesse sentido, não se exerce a menor actividade para esse fim.»

Das declarações do sr. Alfredo Pinto deprende-se, pois, que o reconhecimento da U. O. N. - que só ao Estado pode convir, pelas razões expostas - quer na situação conservadora, quer na situação democrática, tem encontrado a mais franca hostilidade. E essa hostilidade para com a Central dos Sindicatos, esse propósito de ferir, de procurar combater os organismos sindicais, que ela representa, que má impressão causa entre o povo trabalhador, nada mais. Porque, como está aqui, a U. O. N., reconhecida, pela grande massa proletária - continuará lutando pela conquista de mais bens, e não de todos alargando mais o raio da sua acção. Os governos succedem-se no poder, não realizando uma obra que se imponha, ao menos pela intelligencia que a ela preside; a U. O. N. subsiste sempre, desenvolvendo uma acção intelligente e ponderada de que resulta o firmar-se bem solidamente a consciencia da classe dos trabalhadores.

E a prova que as massas operárias estão plenamente identificadas com a U. O. N., é que se está desenvolvendo presentemente nos meios sindicais uma grande actividade para a próxima realização do II Congresso Operário Nacional, a effectuar no próximo mês em Coimbra, havendo já grande numero de delegados nomeados, o que faz prever que esse solene acto de organização proletária, será uma imponente manifestação de força.

Sal, e cá fóra, tanto ainda pelo cheiro, oppresso pela nauseabunda impressão daquilo tudo, tentava compreender o mecanismo daquela industria de decomposições e só encontrei esta explicação:

«Remexer todo aquele conjunto de matérias podres, fraccio-las, pulverizá-las a fogo e resistir aquelas emanções, e só então, cá fora, ao ar livre, a uma grande distancia daquela cloaca, eu repelia como à entrada:»

«Lá dentro há homens! Lá dentro, entre a podridão... vive-se.»

Eduardo FRIAS

A seguir: Indústria do Tabaco

Pois distingamos!

Entre palavras e obras não é a diferença tão grande como à primeira vista ou ao primeiro exame pode parecer. Não é que a differença desapareça ao contrário, subsiste sempre; mas por vezes tão subtil se torna que nem logram aperceber-lha aqueles mesmos que em rigorosas distincções se empenham. Das confusões triviaes, que importa desfazer. E da queda para confusões assim enferma o Esclarec. Pois amanhã procuraremos combatal-las, impedidos de fazê-lo hoje por circunstâncias várias, a que a falta de espaço não é alheia totalmente.

Reunião metalúrgica

O Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Unico Metalúrgico convida os camaradas das officinas metalúrgicas de Lisboa e arredores a nomearem d um a três delegados por officina a uma assembleia que se realiza amanhã, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, rua da Esperança, 204, a fim de deliberarem sobre o caminho a seguir em face das respotas dos industriais.

É necessário que nenhuma officina deixe de enviar os seus delegados.

TRIBUNA SINDICAL

Nova fase de organização

A razão de ser do Sindicato Unico por industria está ao alcance de todo o trabalhador que tenha a indispensável noção do que seja organização sindical, já por que tenha tomado parte activa no movimento operário, já por que tenha acompanhado de perto a sua acção económica e social.

O ano de 1919 marca uma nova fase na marcha do movimento operário, e assim sucede porque a indolência e a apatia do proletariado no meio sindical diminuíram consideravelmente. São as leis naturais que impellem o progresso para a vastidão do campo científico, económico e social e assim, sem intuídos de imitar cegamente os camaradas de além fronteiras, vamos tratando de investigar quais são os meios de organização obrreira mais simples, práticos e adaptáveis à região portuguesa.

Factores diversos, que não vem agora para o caso, contribuíram para que as multidões tomassem rumo diverso daquele que seguiram há anos, o mesmo sucedendo com as formas de acção e de organizar. Novos processos de luta—nova fase de organização.

Entrando propriamente no assunto, começaremos narrando os factos e apreciando-os concretamente para fazer luz sobre tam necessária remodelação. Como toda a gente sabe, as classes metalúrgicas nunca corresponderam às necessidades da organização e daí surgiram, sem vida, impossibilitadas de corresponder ao fim para que foram constituídas, o que originava não só o desfalecimento de energias de camaradas conscientes e cheios de vontade, como também o desprazo, a desconfiança mesmo, das massas mais inconscientes, que se tornavam cúmplices do patronato. Mas nova era se iniciou e esses espectros de associações passaram à história, surgindo o Sindicato Unico Metalúrgico para tomar o seu lugar nas fileiras da vanguarda da organização operária nacional.

As vantagens presentes e futuras que este organismo oferece são de grande importância sob todos os pontos de vista.

Assim, em primeiro lugar, o S. U. dá margem à unificação das classes metalúrgicas locais numa só família, pondo em estreito convívio os respectivos componentes, acabando com tolas vaidades profissionais entre vários ramos da especialidade, desenvolvendo assim o espírito de solidariedade.

Em segundo lugar, pelo novo organismo, a administração é confiada a sete membros, enquanto que, antes da unificação, tendo a classe 16 especialistas, e havendo, portanto, 16 sindicatos, eram precisos 80 camaradas para a parte administrativa e 48 para conselhos fiscais, o que prefazia um total de 128 cargos! Além disso necessitava-se de uma carrada de livros de escrituração, pelo menos oito gabinetes e salas de sessões, água, luz, contínuos, cotizações variadas, estatutos, enfim, uma barafunda.

O S. U. transformou o processo de cotizações, adoptando o sistema inglês, que já os camaradas da Construção Civil haviam adoptado. Por este sistema o sindicato fica com um verbete de despesa, cota, coupon, caderneta profissional e cartão de identidade, com o seu respectivo retrato, possuindo assim qualquer coisa do seu sindicato de resistência. E isto, que para alguns poderia parecer de nenhum valor, dá ao sindicato uma certa força moral.

Em terceiro lugar, a comissão técnica e de melhoramentos é um autêntico conselho de peritos que, embora não sejam engenheiros, são no entanto operários conhecedores da matéria e da engenharia social. Função com dois representantes por classe, ou seja com o máximo de trinta e dois membros, quando é certo que pelo processo antigo, eram precisos duzentos e doze! Outro tanto sucede com os secretários da assembleia geral. O S. U. tem dois efectivos e dois suplentes, o necessário para que as assembleias decorram harmonicamente, apreciem e resolvam qualquer assunto, de carácter geral ou particular, sem que se levantem atritos desta ou daquela classe.

Pelos processos antigos perdia-se um tempo precioso em discussões estérteis, em convocações sem resultado; surgiam divergências parciais colectivas e quando se chegava a resolver o assunto, se qualquer proposta era enfim aprovada, já não tinha, na maior parte dos casos, oportunidade!

Quantos trabalhos esboçados, quantas reclamações, ficaram arquivadas eternamente no governo civil ou nas pastas, estantes e cestos de papéis dos industriais e dos ministros, por via desta falta de coesão?

Em suma, os serviços de administração do S. U., são mais simples e efectivos, saem mais económicos, verificam-se maior receita, o esforço colectivo é mais suave, quer material quer moralmente, e mais eficaz.

Temos ainda que a Caixa da Solidariedade, agora criada para auxílio e defesa aos sócios perseguidos e presos por questões sociais, nas condições expressas no respectivo regulamento, é dum tal valor que não carece de elogios.

Se me espreitai nestas considerações, é-lo com o fim de mostrar a todos os camaradas, as vantagens dos Sindicatos Unidos, porque sei muito bem que o que até aqui se deu com a classe metalúrgica, se está dando actualmente com outras classes, estando indicado, portanto o caminho a seguir.

O motivo principal que originou a falência da Federação Metalúrgica é fácil de encontrar. Foi esse mesmo motivo que originou a desorganização do abstrato que se chamou Confederação Metalúrgica. É que os metalúrgicos, com raras excepções, nunca tomaram bem a sério a sua organização, não só devido à mania de sempre começarem pelo fim, como também devido às condições da industria e ao pouco espírito associativo. Combatividade não lhes falta, sendo de regra combativos em demasia, daí resultando também o enfraquecimento dos sindicatos.

Tinhamos, em flagrante contraste com os metalúrgicos, a organização dos camaradas da Construção Civil, que não há ninguém que não reconheça optimo, posto que com a sua técnica e a sua

orientação, tem conseguido impôr-se quando é necessário. Não esqueçamos isto que tem responsabilidades no meio sindical. Outro facto que não convém esquecer, e que põe em destaque o espírito organizador dos camaradas da construção civil, é o de estes terem visto, na Associação dos Operários das Obras Públicas, um obstáculo à boa marcha dos trabalhos da organização sindical, e imediatamente terem destruído esse obstáculo. Nós, os metalúrgicos, temos alguns obstáculos desta natureza, entre os quais os sindicatos mistos dos estabelecimentos fabris, do Estado e da industria particular, que nos roubam os melhores elementos da classe e talvez um terço da população desta industria. Poderá haver quem, a sério, chame a isto boa organização?

Para o que muito difícil. A organização impõe-se como uma necessidade, acabando-se de vez com as igrejinhas, pois com elas só tem a lutar os que nos exploram; todos os outros que dessas igrejinhas possam advir para os operários nelas associados, são apenas luxúrios. Se todos seguissem tal orientação, havia uma associação por cada fábrica, o que seria absurdo, acabando por não se entender ninguém e desaparecendo, conseqüentemente, a organização operária.

De resto os camaradas mais em evidência, nesses organismos, sabem tam bem como nós, a razão que nos assiste, e ninguém melhor do que eles podia, sem polémica, sem desarmónia entre os elementos metalúrgicos, que tanto necessitam actuar em comum, fazer com que se conseguisse este desiderato.

Urge evitar que a grande maioria do pessoal dos estabelecimentos fabris, que mantem os seus sindicatos mistos, só trate de regalias suas exclusivamente. A melhoria de situação proveniente dessas regalias, não se reflecte em toda a classe, antes pelo contrário: à medida que aqueles vão conseguindo alguma coisa, alheiam-se cada vez mais dos que, devido à condição da exploração do trabalho, necessitam do auxílio da classe, sem o qual todos os movimentos reivindicadores estão condenados a ser vencidos.

Não entramos já na apreciação do aspecto comodista, conservador e egotístico que a questão toma, pelo facto de esses camaradas terem conseguido mais privilégios do que os outros. E não entramos nisso para não ferir susceptibilidades, o que, a ninguém bem intencionado, interessa. Simplesmente frisamos o facto da divisão da legião operária do ramo metalúrgico, divisão que, como demonstrai, põe em cheque a coesão sindical.

Urge acabar com essa divisão, camaradas, a fim de que todos possamos impôr a nossa força, de modo a sermos respeitados como devemos. Caso contrário, continuaremos como até aqui a trabalhar brutalmente e a receber, quando yellos, a paga: a porta da rua, sem a menor remuneração.

Concluindo: devemos-nos reunir todos em torno do Sindicato Unico, dando-lhe assim a força de que elle carece, para bem cumprir a sua missão. Esse agregado de esforços proletários contrariará eficazmente o plano da burguesia e dos que tentam guindar-se aos lugares de destaque, dentro da Sociedade Capitalista, algéms, dos trabalhadores e da Liberdade.

Joaquim de SOUSA.

A greve da C. U. F.

O movimento prossegue com energia e entusiasmo

A greve dos camaradas da União Fabril, motivada pelo despotismo do sr. Alfredo da Silva, prossegue energeticamente continuando os grevistas animados do maior entusiasmo.

Para o pinhal que a Companhia tem no Barreiro, seguiu ontem uma força de 20 praças da guarda republicana.

Os grevistas nas suas assembleias de ontem, deliberaram prosseguir com o movimento, não se curvando ao tiranico Alfredo da Silva.

Não há novas violências a registar, parecendo que o governo, em virtude da indignação da opinião proletária, deu ordens severas aos seus esbirros para cessarem com tais proezas.

Foi distribuído um manifesto ao povo do Barreiro convocando-o para uma reunião no Sine Barreirense, hoje pelas 14 horas para deliberar qual o caminho a seguir, reunião em que se farão representar a U. O. N., U. S. O. L. e F. C. C.

É hoje inaugurada a cozinha comunista do pessoal da C. U. F., tendo vários camaradas subscrito com várias quantias para o mesmo fim.

Uma bela demonstração de solidariedade operária.

Não podia a organização operária deixar de acorrer em auxílio dos camaradas em greve, procurando auxiliá-los na sua luta contra o inimigo do operariado, Alfredo da Silva. Assim, ontem, nas obras do Estado, uma comissão da Federação da Construção Civil, composta dos camaradas Manuel Alexandre, Eugénio Carreira, Artur Augusto Rodrigues, Albino Costa, Manuel Jorge, António Amaro e Francisco Pinto, abriu subscções com esse fim em todas as obras do Estado, que deram o seguinte lioso resultado:

Fábrica de Armas, 68700; Depósito de Fardamentos, 18430; Parque Eduardo VII, 218920; Oficinas do Caminho de Ferro, 118255; Companhia dos Tabacos de Santos, 29030; Hospital do Desterro, 589500; Escola Machado de Castro, 129600; Basílica da Estrela, 18000; Hospital da Estrela, 98180; Fábrica Tecidos do Rato, 45420; Convento S. Salvador, 45100; Engenharia, 28740; Obrá particular E. Marques, 18200; Escola Normal de Bemfica, 395390; Asilo do Rato, 45000; Casa Pia, 58255; Camaratas, 45990; Cavalaria 4, 38040; Palácio de Belém, 18200; Jardim Colonial, 45720; Ajuda Velho, 950; Bairro Social, 48900; Guia, 58100; Bairro Social do Arco Cego, 128105; Asilo Maria Pia, 78500; Santos-o-Novo, 28000; Obrá particular de Albano José Barbosa, 18200; Santo António dos Capuchos, 103000; Conventinho, 410; S. Vicente, 58350; Jardim da Estrela, 58170. — Total, 2544415 réis.

Numa questão de direito

Bem sei que v.inho pregar no deserto, mas nem por isso deixarei de o fazer.

Quero referir-me aos atropelamentos, em geral e, especialmente, aqueles que são feitos por automóveis e de que os jornais dão noticia todos os dias.

Estou convencido de que esses desastres são casuais, pois não é crível que se façam atropelamentos de propósito, assim como é certo que a maioria da população de Lisboa ainda não sabe caminhar nas ruas onde o trânsito se torna cada vez mais difícil exigindo, por conseguinte, grande soma de precauções, tanto dos transeuntes como dos chauffeurs ou quaisquer outros condutores de veiculos rodados, mas ainda que assim não seja nem por isso deixa de haver atropelamentos de que, por vezes, resultam mortes e ferimentos graves.

Ainda não há um mês que o automóvel que conduzia o ministro da instrução atropelou o capitão Alfredo Faria, na Avenida da Liberdade.

Este official, arrastado pelo veiculo, numa distancia de dez metros, ficou em perigo de vida, sendo assim conduzido ao hospital de S. José, onde faleceu uns oito dias depois, em consequência dos ferimentos que recebeu no acto do atropelamento.

O referido official deixou viúva e filhos menores, que estremece e para os quais trabalhava o mais possível, a fim de os educar e preparar para o grande da vida pelo trabalho honesto.

Quem indemnisa essa familia do prejuizo material resultante da perda do seu chefe?

Ja quanto poderá montar, materialmente, o referido prejuizo?

Importa sabê-lo e importa, bem assim, que essa familia, tenha que não tenha monte-pio, reciba uma indemnização pelo prejuizo que sofreu, já que, infelizmente, não pode recuperar o seu chefe nem há compensação possível para o desgosto que ella deve ter sofrido com a sua morte.

Irá dizer-se que não há lei segundo a qual possa o deus conceder-se essa indemnização ou que, de resto, não é razão para não concedê-la, tanto mais que é ao Estado que compete fazer-lo, quando menos por motivos e razões de ordem moral, sobremaneira intuitivos.

Se alguém, por casualidade ou involuntariamente, der um encontro numa pessoa que vá conduzindo qualquer objecto que se quebre e damniifique por aquele motivo, é obrigado a pagar esse prejuizo, como succede a cada passo.

Quebra-se involuntariamente uma porção de ovos ou de loiça, uma bota, um vidro e logo intervem a policia, obrigando ao pagamento do valor do objecto quebrado, o que acho justo.

Surge um electrico, uma carroça, um automóvel e atropela, fere ou mata uma pessoa que bem pode ser chefe ou amparo de familia, como no caso do capitão Alfredo Faria e essa familia não é indemnizada do prejuizo material resultante desse facto.

No caso de ferimento grave produzido por atropelamento e de que resulte incapacidade para o trabalho, também não há indemnização para o atropelado nem para sua familia.

Donde se tira que a vida humana e os meios de subsistencia de uma familia valem muito menos que um objecto que se inutiliza e que mu facilmente pode substituir-se.

Estamos em presença duma tese da mais alta importância social, porque interessa a todos, indistintamente, ricos e pobres, em especial a estes, em cujo numero quero incluir o capitão Alfredo Faria.

A familia deste, seja qual for a sua situação económica, que não pode ser desafogada, deve o Estado numa indemnização imediata e conjunta, independentemente do seu monte-pio, se essa familia o tiver devido isso à previdência do seu chefe.

Passando-se da especialidade à generalidade, seja quem for o atropelado, seja quem for o proprietário do veiculo que o atropela, seja voluntário ou involuntário o atropelamento, é indiscutível que a indemnização representa um acto de justiça.

Há um ano, em Bemfica, um amigo meu quebrou involuntariamente o vidro de uma lanterna dum carro electrico, pelo que teve que depositar cinco tostões num estabelecimento, por ser esse o valor do vidro.

Há anos, no Campo Grande, um outro electrico cortou as pernas a uma criança que atravessava a linha à passagem do dito carro e a Companhia não pagou coisa alguma por esse motivo, nem quiz saber da criança que ficou inutilizada para o resto da vida, com a agravante de ser pobre e orfão de pais.

Por mais duma vez, a policia prendeu a mãe dessa criança, não pelo facto de pedir esmola, mas por aceitar o que lhe davam espontaneamente para o filho, quando sala com elle a rua, e quando a pobre mulher era presa, tinha que levar o filho para o calabouço.

Em conclusão e para abreviar: Não me compete legislar acerca do assunto que serviu de tema a este artigo nem tam pouco sobre qualquer outro assunto.

Limitei-me tam somente a pôr a questão nos tem de direito. Quem puder e quizer, que faça, neste particular, o que eu não posso, não sei nem me compete fazer. Principiei por dizer que vim pregar no deserto. Sempre quero ver se fui pessimista e terci de dar o dito por não dito.

Tem a palavra a imprensa jornalística de Portugal e muito grato lhe ficarei se, pela primeira vez, se dignar de mentir-me

José BENEDY.

Exploração do Porto de Lisboa

O engenheiro sr. Castanheira das Neves, presidente do conselho de administração do porto de Lisboa, conferenciou ontem com o sr. ministro do commercio. O decreto alterando as taxas dos serviços de exploração do mesmo porto foi já para o Diário do Governo.

Préso por ofensas corporais

A policia da 2.ª secção prendeu João Agostinho, cuja carta foi requisitada pelo delegado do procurador da republica na comarca de Almada, onde está pronuciado pelo crime de ofensas corporais.

TEATRO DO GYMNASIO

Companhia de declamação de que fazem parte Luinda Simões, Eduardo Brazão, Amélia Rey Colaço, Julieta Simões e Robles Monteiro
Quarta feira, 11-1. Representação (299)
Sonho duma noite de Agosto
De Martinez Sierra.—Tradução de Avelino de Almeida
— Abre hoje a bilheteira —

VIDA SINDICAL

U. O. N.

Reunião do Conselho Central

Em continuação da sessão do Conselho Central da passada terça-feira, voltou este a reunir anteontem, tendo apreciado officios da Associação dos Empregados de Escritório, indicando como seus representantes ao C. Central da U. O. N. os camaradas Augusto Carlos Rodrigues e Gil Gonçalves da Associação dos Entalhadores, e do Pessoal das Agencias Funerárias, dando a sua adesão à U. O. N., indicando a primeira, já, como seus representantes as camaradas Luis Silva Lopes e Manuel Gaspar; da U. S. O. de Coimbra comunicando que em vista da greve dos operários cerâmicos daquela cidade não ter sido ainda solucionada, apesar de há duas semanas se encontrarem em luta, e como protesto contra o procedimento das autoridades e patronato local, está na disposição de, na próxima semana, declarar a greve geral, prometendo mais informes; os operários marceneiros participando que, em vista do agravamento continuo do custo da vida, enviaram as suas reclamações de aumento de salario, aos industriais; do Núcleo Juvenute Sindicalista (central), solicitando a representação, por dois delegados da U. O. N. numa reunião que amanhã se deve effectuar, pró-libertação dos presos por questões sociais; da U. S. O. do Barreiro, pondo o Conselho Central da U. O. N. ao facto de que se tem passado naquella villa, a propósito da greve do pessoal da C. U. F., e das injeções em que o operariado local se encontra no intuito de coadjuvar aqueles camaradas.

Um delegado enviado por aquele organismo local expõe detidamente a situação em que os grevistas se encontram e quais as suas disposições, tomadas o C. C., a este respeito, as resoluções que para o caso convêm, na intenção de procurar conseguir que aquele movimento termine rápido com vitória para os grevistas.

Exgotado o expediente, foi apreciado o parecer da comissão organizadora do Congresso Nacional Operário sobre a alteração da data do mesmo, que outro lugar vai publicado, tendo o Conselho resolvido que a Organização Operária Portuguesa se faça representar no Congresso Internacional de Amsterdã, a 28 de Agosto, pelo secretário geral da U. O. N. e marada Alexandre Vieira, como delegado directo e pelo camarada Carlos Cid, operário-sindicado, residente em Paris, como delegado indirecto.

Foi, também, presente o relatório da comissão organizadora do jornal *A Batalha*, cuja apreciação tinha ficado suspensa da sessão anterior, aprovando-se, sobre a sua futura orientação, uma moção que outro lugar vai inserta.

Após algumas comunicações feitas por vários delegados, foi encerrada a sessão e marcada a seguinte para a próxima sexta feira, 13.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal.

Reuniu ontem, como estava anunciada, a assembleia magna dos operários gráficos diários, a fim de apreciar a sua praxia das empresas jornalísticas as suas reclamações. A assembleia tomou conhecimento dos officios trocados entre a comissão executiva e um representante das empresas, extranhando o facto de as mesmas nada terem oficialmente respondido, apesar de terem feito publicar a noticia de que nessa reunião tinha sido nomeada uma comissão para tratar do assunto.

A assembleia ratificou os plenos poderes à comissão anteriormente conferidos para resolver o assunto junto dos representantes das empresas jornalísticas.

— A comissão executiva do Convénio de Trabalho na industria gráfica (casas de obras) continuou recebendo mais adesões, entre ellas uma de grande interesse e importância de um não menos importante industrial. Amanhã, ás 19 e 12 horas reúne a Federação com todos os delegados ao Conselho Central e a comissão executiva para ultimar os trabalhos a apresentar às assembleias magas que se realizam pelas 20 e 12 horas do mesmo dia.

Federação da Construção Civil.

— Convidada a direcção da Associação da Companhia União Fabril a vir hoje, ás 4 horas, levantar o dinheiro que está depositado no C. C. Federação. Esses camaradas devem vir acompanhados com as respectivas credenciais.

— Corticeiros do Poço do Bispo.— Esta secção reuniu extraordinariamente para apreciar a greve corticeira de Evora, tendo assistido o delegado dos grevistas, Heitor Emilio Vega. Este camarada expoz à numerosa assembleia a intansigência dos industriais, relatando o movimento desde o seu inicio. A assembleia declarou a sua solidariedade moral e material para com os grevistas, e deliberou incitá-los a manterem-se com firmeza e energia.

— Músicos.— Esteve reunida até à madrugada de ontem a direcção desta associação para tratar da questão do aumento de saláris. Assistiram à reunião vários elementos que compõem as comissões tomadas figura a de enviar ao Porto um delegado para orientar a classe musical de ali.

— Comissão Mixta dos Assalariados do Estado.— A convite do pessoal civil da Manutenção Militar e na sua sede reuniu esta comissão, a fim de apreciar a attitude do director daquelle estabelecimento de estado, para com o seu pessoal, que, pretendendo entregar-lhe uma série de reclamações de ordem moral e económica, ainda o não conseguiu, em virtude daquelle senhor se recusar a receber a comissão delegada do referido pessoal.

CONVOCAÇÕES

— Federação Corticeira.— Reúne hoje o Conselho Federal, pelas 12 horas, em Mutela (Almada).

— Mecânicos de Açúcar.— Reúne hoje a assembleia geral, pelas 10 horas, devendo comparecer os delegados Francisco Viana e Raúl Baptista.

— Trabalhadores de Teatro.— Esta colectividade reúne hoje, pelas 16 horas, na sua sede, em assembleia geral, para aprovação do relatório, contas e parecer da comissão revisora de contas da gerência desde o inicio da colectividade até 31 de Dezembro de 1918.

— Condutores de Carroças.— Para tratar do caminho a seguir em face da

Uma circular da U. O. N.

A comissão organizadora do Congresso vai enviar a seguinte circular a todos os sindicatos do país:

Presados camaradas.— Como vos foi comunicado na circular de 16 de Maio, vai effectuar-se o II Congresso Nacional Operário, em Coimbra. Nessa circular estava fixada a data do Congresso para os dias 9, 10 e 11 de Agosto, mas tal data foi alterada pelas razões que vos passamos a expôr:

Pela C. G. T., de França, foi a U. O. N. convidada a fazer-se representar na Conferência Internacional, que se realiza no dia 28 de Julho do corrente, em Amsterdã. E como neste momento há todo o interesse em conveniência em ir a Central dos Sindicatos Portuguezes entre desde já aos acordos internacionais do proletariado organizado, resolveu o Conselho Central fazer-se representar por dois delegados.

— Era, porém, necessário que esses delegados fôsem a referida Conferência já com resoluções tomadas pelo proletariado português, e como tais resoluções só as poderá tomar o nosso Congresso, deliberou o C. C. da U. O. N. que o anunciado Congresso Nacional se effectue nos dias 19, 20 e 21 de Julho, a fim dos delegados portuguezes terem tempo de se apresentar na Conferência de Amsterdã, com as resoluções do nosso Congresso.

Esses delegados são: um directo, o camarada Alexandre Vieira, secretário geral da 1.ª secção; e o outro, indirecto, o camarada Carlos Cid, residente em Paris e que é operário-sindicado.

O C. C. tomou a liberdade de nomear já os delegados, porque o representante directo necessitava legalizar os documentos necessários para sair do país, coisa que não poderia fazer no pequeno espaço de tempo que vai do nosso Congresso ao de Amsterdã— tempo esse que lhe é absolutamente necessário para a longa viagem.

Para as despesas com a ida dos referidos delegados à Conferência Internacional deverá cada Associação contribuir com um centavo por associado, por uma só vez, cota que poderá cobrir de cada um deles, independentemente da cota ordinária.

Como vedes, camaradas, o tempo é pouco e é necessário empregares os máximos esforços para que essa Associação corresponda a esta necessidade.

Para o Congresso Nacional deverá cada Associação enviar um ou três delegados directos e, na absoluta impossibilidade de enviar directos, mas que sejam assalariados e sindicalizados.

Segundo o artigo 11.º dos Estatutos da U. O. N., cada Associação deverá contribuir com o montante de 1500. Porém, como sabeis, todo o cento de preço mais de 2500, e mínimo de 1000.

Camaradas! Mais uma vez vos lembramos a conveniência de immediatamente nomeardes os vossos delegados com a máxima urgencia, enviando-nos os seus nomes, junto com a adesão e respectivas cotas, para o Congresso Nacional e para o internacional.

Outrosim vos pedimos nos envieis o número de associados.

Para elaborarmos a *Ordem dos Trabalhos do Congresso Nacional*, urge igualmente que nos envieis qualquer questão que deva ser presente ao Congresso, mas nunca depois de 1 de Julho.

Lisboa, 7 de Junho de 1919.— A Comissão Organizadora: Manuel Joaquim de Sousa, Joaquim Francisco, António Gomes Amarel, Abel Jacinto Pereira e Miguel Correa.

As greves

Polidores de Móveis

Continuam em greve os polidores da casa Guilherme Ferraz e do empreiteiro Silvestre Soares. Ontem foram distribuidas aos grevistas as ferias, pela Comissão Administrativa do respectivo sindicato.

Corticeiros de Evora

Mantêm-se no mesmo pé a greve dos camaradas corticeiros de Evora. Greve promovada, como temos dito, pelos industriais, os quais, depois de terem aceiteo o acordo estabelecido quando do recente movimento geral corticeiro, se recusam a cumprir algumas das cláusulas que então aceitaram.

A comissão representativa da Associação dos Corticeiros de Evora que, conforme dissemos, se encontra em Lisboa, teve ontem uma entrevista com o ministro do trabalho, o qual prometeu chamar ao seu ministério, na próxima quarta feira, os industriais, junto dos quais instará para que reabram as fábricas, cumprindo as condições anteriormente aceites.

Gerânicos de Sacavém

SACAVÉM, 6.—Continua ainda sem solução a greve dos operários cerâmicos desta localidade, tendo ficado e marcada para amanhã ás 10 horas, uma reunião com o filho do industrial e alguns encarregados para solucionar o conflito.

atitude dos patrões, reúnem hoje, pelas 14 horas.

— Empregados Menores dos Liceus.— Reúne hoje esta classe, pelas 13 horas.

— Manufactores de Tecidos.— Por motivos imprevistos, foi transferida para o dia 15 a sessão anunciada para o dia 8.

— Sindicato Unico Metalúrgico.— O conselho técnico e de melhoramentos, promove hoje, pelas 14 horas, na sede da secção da Construção Civil de Palma, uma sessão de propaganda para organização de uma secção na mesma localidade.

Uma circular da U. O. N.

A comissão organizadora do Congresso vai enviar a seguinte circular a todos os sindicatos do país:

Os socialistas franceses pedem que se suavizem as condições de paz

PARIS, 7.—Numa moção aprovada pelo grupo dos socialistas parlamentares pede-se que se suavizem as condições de paz para que esta seja mais justa e duradoura e que se dê maior prioridade às condições financeiras para que tanto o inimigo como os aliados saibam a situação exacta em que ficam e para que os aliados possam examinar a melhor maneira de pôr em comum as despesas da guerra.—H.

A paz de violência

BERLIM (transmitido por Basilea), 7.—A assembleia nacional, que foi convocada para a semana próxima, occupar-se há, em primeiro lugar, das condições da paz.—H.

As bandeiras a meia haste em Innsbruck

INNSBRUCK, 7.—Os jornais pedem à população que conservem as bandeiras a meia haste, em sinal de luto, por motivo da entrega das condições da paz.—H.

Na Austria protesta-se contra as condições da paz

VIENA, 7.—Continuam os protestos contra as condições da paz. Na baixa Austria protesta-se também contra a cláusula impeditiva da união aos irmãos, irmãos de raça dos austriacos.—H.

As potências escandinavas e o recomeço do bloqueio

PARIS, 7.—O Temps publica um telegrama de Copenhagen, em que se diz que as potências escandinavas entregaram na quinta-feira aos aliados uma nota, mostrando que o restabelecimento do bloqueio económico seria para ellas uma verdadeira catástrofe.—H.

Na República Renana

PARIS, 7.—Os jornais publicam um telegrama do qual não há ainda confirmação, dizendo que Dorton, o promotor da República Renana, o qual perante a attitude da população operária, teve que deixar Wiesbaden e ir residir em Birsch, voltou ontem a Wiesbaden a fim de assistir a um conselho de ministros, mas alguns operários, tendo conseguido entrar na sala onde reunia o conselho, maltrataram os ministros que tiveram que ser levados ao hospital. Dorton conseguiu escapar-se.—H.

Epitácio Pessoa a caminho de Lisboa

LONDRES, 7.—O dr. Epitácio Pessoa partiu para Portsmouth, onde embarcará com destino a Lisboa.—H.

Espião condenado à morte

PARIS, 7.—Foi condenado a morte o austriaco Funck, que comunicava ao inimigo os pontos em que caíam os projecteis dos bertas e dos gotas, durante o bombardeamento da capital.—H.

OLIMPIA De tarde a 1/2 de tarde: Matinée e Soirée As estreias da semana A ESPIRAL DA MORTE 5 partes pela formosíssima atriz CECILE TRIAN e pelos ALBERTINIS MULHER FATAL Graciosa comédia em 2 actos por RIVAL DE SUA IRMÃ, 5 partes.—ZONA DA MORTE, 4 partes Amanhã: A PANTERA—Estreia BREVEMENTE: AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

BATALHA N.º 104 DE A BATALHA Folhetim N.º 20 COIMBRA, 8 A greve dos operários cerâmicos mantém-se—A atitude dum industrial socialista

DESPORTOS: Futebol Benfica contra Internacional Realiza-se hoje, pelas 17 horas, no campo de Benfica, este encontro. O jogo, que deve ser magnífico, atende-se a maneira por que estes dois clubs executam o futebol, sem recorrer a violências, e à execução da linha que vem reforçada com a presença do guarda-redes Pêlo Caldeira, que era um dos pontos fracos do Internacional, pode-nos trazer mais alguma surpresa, como sucedeu no passado domingo, no encontro entre o Vitória e Imperio, em que este saiu vencedor por duas bolas a uma.

SOVIETISMO Conselho Maximalista de Oeiras.—Reúne este conselho e, entre outros assuntos, aprova novos sócios e nomeia um delegado da Federação Maximalista, que será portador da adesão. Conselho Maximalista "Filhos do Progresso".—No local do costume, pelas 19 horas, reúne este conselho para apreciar as bases da Federação Maximalista que não de servir de regulamento ao Conselho Federal. Conselho Maximalista da Amadora.—Reúne ontem este conselho, que depois de nomear o delegado à Federação, resolveu por aclamação—saudar os camaradas franceses da "esquadra do Mar Negro, que se recusaram a entrar sobre os nossos camaradas russos; protestar contra os assassinatos cometidos em Gênia, nas pessoas de dois companheiros; e iniciar as camadas da C. U. F., a continuar na luta até obterem as suas justas reclamações. Recebeu-se a adesão de diversos camaradas e resolveu-se mais encetar em breve a propaganda no conselho de Oeiras e arredores. Conselho Maximalista da Meia Laranja.—Reúne hoje, às 18 horas, este conselho de dois companheiros; e iniciar as camadas da C. U. F., a continuar na luta até obterem as suas justas reclamações. Recebeu-se a adesão de diversos camaradas e resolveu-se mais encetar em breve a propaganda no conselho de Oeiras e arredores. Conselho Maximalista de Campo de Ourique G. A.—Reúne hoje, pelas 17 horas, no local do costume. Que nenhum membro falte. Federação Maximalista Portuguesa do Conselho de Palma.—Reúne hoje às 11 horas no local do costume. Que nenhum membro falte.

DESPORTOS: Taça "Alvaro Gaspar" Cruz Quebrada contra Imperio; arbitro, Jorge Vieira, às 9 horas. Academia contra Casa Pia; arbitro, Plácido Duro, às 10,30. Benfica contra Pupilos; arbitro, Artur dos Santos, às 11 horas. Bateria de futebol, no campo de Pêlova, a. havendo também desafios para o dia 10 de Junho que se realizam no mesmo campo e que são os seguintes: Internacional contra Casa Pia; às 9,15; Artur Ribeiro dos Reis; Academia contra C. Militar; às 17 horas; juiz, Victor Gonçalves; Cruz Quebrada contra Pupilos, às 18,15; juiz, Artur dos Santos.

Box Ginásio Club Português E' hoje, pelas 15 horas, que se realiza este campeonato no salão do Ginásio Club Português, por ele organizado e que tanto entusiasma o desportista como os amadores do nobre arte. Inscrições os amadores abaixo designados: Cristiano Alves da Silva, Agostinho Andrade, e Raul de Castro, do Centro Nacional de Esgrima; Faustino Pereira, do Imperio Lisboa Club; Francisco Xavier de Almeida, Mário Fernandes Garcia, e Abel da Silva e Cunha, do Ginásio Club Português. A presença dos concorrentes será feita meia hora antes de começar a prova.

Tiro Civil Sociedade de Tiro n.º 1 Reúnem em assembleia geral os sócios desta agremiação, sendo aprovado o relatório e contas da gerência finda e eleitos para a futura gerência os seguintes corpos gerentes: Assembleia geral, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, Alvaro de Lacerda e Carlos Simões Torres; Direcção, João de Moraes Almeida, Pedro José Ferreira, Clemente Silva, José Antunes de Oliveira e Fernando Augusto Pinto Viegas; Conselho Técnico, Adolfo Ferreira Lima, Felix Belem, e José Francisco de Fátima; Juiz, João Calais Grilo e António Morais das Santos; Conselho Fiscal, Tomás José de Aguiar, Adolfo Teixeira Xavier e Carlos Marrada. Pelos sócios, estando em vigor o regulamento de assembleia de um concurso de tiro inter-aliciado a realizar em Paris, sendo sobre o assunto, resolvido pedir-se informações detalhadas às autoridades superiores.

Sociedade Promotora de Educação Popular Na Sociedade Promotora de Educação Popular, com sede no Largo 20 de Abril, 6, realizou-se, na quinta feira uma festa escolar, pelas 15 horas.

Protecção aos animais Vai ser publicado um decreto considerando como violências os seguintes actos, cuja punição deve ser promovida pelos agentes do Poder judicial: Espancar os animais, oprimi-los com trabalho excessivo de tiro ou carga, obrigando-os a conduzir pesos demorados, bem como castigar os animais violentamente, quando os mesmos se acharem em rampas quando as suas forças lhes não permitam tirar ou transportar a carga; obrigar ao trabalho os animais doentes ou feridos e colar-lhes os arreios sobre as feridas ou chagas vivas; pretender obrigar os animais, quando caídos a levantar-se à força de pancadas, amarrar aos cães, gatos ou cães, outros animais objectos de interesse, mortiquem, atar cordeais aos pássaros ou quaisquer outras aves para as arrastar; apedrejar animais ou aculá-los uns contra os outros ou contra os transportes amarrados na via pública animais velhos ou doentes, etc.

REGENERAÇÃO romance social POR CURUJO DE MENDONÇA SEGUNDA PARTE Organização e triunfo III Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

REGENERAÇÃO Era um desprendimento, um vó místico de todo o seu ser para as forças do bem, da verdade e da justiça, para o seu Deus sublime e bom, a quem pedia, a quem orava ardentemente pelo triunfo da obra de António, pelo futuro dos filhos amados, pela irradiação da felicidade sobre todos os entes que sofrem as injustiças e padecem as necessidades da vida.

EDEN-TEATRO HOJE De tarde a 1/2 de tarde.—MATINÉE E SOIRÉE O maior espectáculo cinematográfico de Lisboa HOJE 12 horas de films de Arte, Policiais e de Aventuras (302) MATINÉE 2 estreias 2 O FANTASMA GRIS Do 1.º e 2.º episódios da nova série Romancão de glória, 20 episódios, 40 partes, 20,55 metros. Os 10 episódios do Fantasma Gris, 32 partes, 16,340 metros, exhibição completa, pelo formidável POLO. A opera cinematográfica em 5 actos SOIRÉE O FANTASMA GRIS 12.º Anel envenenado, 2 p. 15.º A pãda a parede, 2 p. 16.º Duelo de morte, 2 p. 16.º História do passado, 2 p. Estreia, Romancão de glória, 1.ª série O Labirinto da vida, 2.ª p. 2.ª série Coragem dum Cobão, 2 p. e a opera cinematográfica TOBÃO 5 actos. pela eminente BERTINI, com música propria de Dr José Bonet. Preços:—Camarotes e frisas 150 e 120. Balcão e fauteuils 30. Cadeiras 20 e Superior 15 TRIBUNAS 10 centavos AMANHÃ:—Espectáculo de homenagem a RAFAEL GOMES "GALLO."

DACTILOGRAFOS (201) NO MODO UNICIONAL INSTRUÇÃO A Câmara Municipal de Ovar vai mandar construir um edificio para escola primária no lugar da Ribeira daquele concelho. —Foi para o "Diário do Governo" um decreto regulando o funcionamento da Escola Técnica Secundária de Agricultura, em Santarém. TRABALHO Carece em absoluto de fundação uma noticia que corre de que o governo autorizaria a importação de aqueductos. —O vogal do Conselho de Agricultura, sr. Joaquim Belford pediu ao presidente do mesmo conselho que ás respectivas sessões assista um inquirido a fim de ficar firmemente consignado nas actas tudo quanto nessas sessões se passar. —Uma comissão delegada do pessoal meo do quadro administrativo do ministério da agricultura pediu licença ao sr. p. ministro que os seus vencimentos sejam equiparados aos dos empregados de igual categoria do ministério de Seguros Sociais. O sr. Jorge Nunes prometeu interessar-se pelo pedido dizendo aos comissionados que lhe apresentassem um projecto de decreto no sentido desejado a fim de o submeter a conselho de ministros. —A Associação de Socorros Mútuos Vasco da Gama pediu autorização para adquirir um prédio a fim de a usar como sede. —Vão ser aprovados os estatutos da Associação da Classe Commercial e Industrial de Figueiró dos Vinhos. JUSTIÇA Os sr. dr. Abel de Andrade, dr. João Gonçalves e Rafael Augusto de Sousa Ribeiro foram nomeados, respectivamente, director, director da secção de estatística e secretario do Instituto de Criminologia. MARINHA O ministro da marinha, acompanhado do seu ajudante, 1.º tenente João Mesquita Portela, foi ontem visitar o posto radio telegráfico de Monsanto e assistir a recepção em Paço de Carregues.

PRECISAM-SE nos escriptórios do Conselho de Administração dos Bairros Sociais, à rua do Arco do Cégo, 50, A, onde deverão as pretendentes prestar as suas provas de competência às 12 horas do dia 9. Pelo Conselho, o vogal de serviço João Campos Lima

Universidade do Porto A Câmara Municipal do Porto pediu ao governo que sejam nomeados quanto antes os professores técnicos da Universidade daquela cidade, que devem fazer parte da comissão de salubridade.

Supremo Tribunal Administrativo O motivo determinante de não ter reído na semana finda o Supremo Tribunal Administrativo, foi o facto do Parlamento ainda não ter autorizado dois vogais, a acumularem os respectivos lugares com as suas funções legislativas.

A questão da pesca A Associação dos Trabalhadores de Mar da Nazaré officiu ao ministro dos estrangeiros, comunicando-lhe que acompanha o protesto da sua congénere de Setúbal, contra a concessão de pescar no litoral português, a barcos não nacionais.

Ministério DOS Abastecimentos Direcção dos Transportes Marítimos Nos termos do Decreto de 5 de Dezembro de 1910 se anuncia que: MIGUEL FERREIRA e sua mulher MARIANA MARGARIDA CODINA FERREIRA, residentes em Espinho, pais de JOSE CODINA FERREIRA, primeiro maquinista que foi do vapor Sagres, requerem a pensão de sangue a que se julgam com direito por ter seu filho falecido em consequência do torpedeamento daquele vapor, em 16 de Abril de 1917. Correm editos de 60 dias a contar da data da 2.ª publicação do presente anúncio no Diário do Governo, para que toda a pessoa que se julgar com direito à referida pensão requera por esta Direcção. Findo o prazo sem reclamações será resolvida a pretensão. Lisboa e Direcção dos Transportes Marítimos, 5 de Junho de 1919. O Director, (207) (a) Alvaro Augusto Nunes Ribeiro. Capitão-Tenente.

Um crime de sadismo Virginia Pereira Cardoso é uma criança de 7 anos, residindo com sua família na rua de S. Jerónimo, 51, pátio, porta 7. Ultimamente, um rapaz de 17 anos, violento e de nome Simão, fez-lhe um crime de sadismo, recolhido e criminoso a cadeia, mas foi agora posto em liberdade, sem julgamento, segundo nos afirmam pessoas de família em virtude de indigentemente praticar contra o procedimento do respectivo juiz, o sr. Guerra, do Tribunal da Tutoresia da Infância.

Dr. Epitácio Pessoa O presidente da República Brasileira deve chegar hoje O dr. Epitácio Pessoa, presidente eleito da República dos Estados Unidos do Brasil, deve chegar hoje. —A chegar de seguir desenvolvida informação, da recepção que lhe está preparada: Os cruzadores "S. Gabriel" e "Admirante Bello", destroyers "Douro" e "Tejo" e submarino "Espadarte", seguem hoje de manhã para Cascais, a fim de aguardarem a polve marinha, fuzis de artilharia e outros navios de guerra, em consequência de seu bordo o presidente da República do Brasil. Logo que seja avistado o dito barco os nossos navios de guerra embandeiraram em fuzis e canhões, e os canhões de artilharia de ex. ex. se retirar de Lisboa, segundo depois os nossos navios de guerra na catira do cruzador inglês até ao quadro. O corpo de alunos da armada feriu a paragem de honra ao presidente da República do Brasil no 20.º Paços do Concelho, como na Sociedade de Geografia e a partida. A guarda de honra no sessão solene é feita por uma companhia do batalhão de marinha. Este batalhão começa hoje a fazer o seu treino no arsenal de marinha. Foram convidados os oficiais da armada a comparecer hoje no Terreiro do Paço, pelas 14 horas, a fim de aguardarem a chegada do "Epitácio Pessoa". Os navios de guerra que acima mencionamos vão esperar o presidente da República do Brasil, partem do quadro as 13,0 e deverão estar em Cascais ás 14 horas. A força de marinha que vai fazer a guarda de honra no dia 9 do Congresso será comandada por um primeiro tenente. O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, officiu ao maior general da armada, convidando-o bem como a officialidade da armada, a assistirem a recepção solene ao presidente da República do Brasil. O serviço de embarque e desembarque será feito por gazolinas e pelo vapor "Thetis", visto as galotas não estarem em estado de servir.

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

de harmonia, de felicidade e de verdade completas... Nós outros de hoje somos os plantadores da vinha que vós, de amanhã, haveis de colher, somos os devastadores da floresta, mas vós outros que vierdes depois edificareis o edificio. Nós fazemos o ensaio, vós fareis a obra; recebemos os apêdos, os insultos e a guerra da pobre humanidade desviada; vós receberdes as bênçãos, porque haveis de nadar no seio do amor. Dionizio nada respondera; mas, em seu olhar de criança, havia lampejos de uma invisível aurora...

Matinée Chiado Terrasse Soirée De tarde a 2 horas da tarde O mais escolhido programa de Lisboa As estreias da semana A Espiral da morte 5 partes, pela formosíssima Cecile Trian ZONA DA MORTE, 4 partes.—Rival de sua irmã, 5 partes Mulher Fatal, 2 partes. Amanhã—Estreia: A PANTERA, "film" de aventuras BREVEMENTE—AS AVENTURAS DE MACISTE—ESTREIA

Festas operárias OS QUE MORREM A direcção da Cooperativa de Crédito e Consumo da Biblioteca Regeneração Popular, realiza hoje um interessante festival em favor da nova sede, no qual tomam parte, por especial fineza, diversos cultivadores da canção nacional, muito apreciados em Lisboa, que cantarão o fado A Batalha e uma canção dedicada à Cooperativa. Tomam também parte nesta festa a troupe dramática José Vieira, com duas comédias de grande surpresa dedicada aos espectadores.

FALECIMENTOS Faleceram ontem e sepultam-se hoje: D. Maria Rita Ferreira, às 18; João Maria, às 15; Alfredo José Damasceno, do hospital de Régio; José Maria de Castro Branco, comerciante, às 11; da rua Achilés Monteiro, 32; Maria Pires Serrano, às 11; da rua Rita Ferreira, 45; Joaquim Manuel Gomes, às 16,30; João de Deus Fernandes, 31; Benjamin Marques Diniz, às 16; do hospital de S. José; António de Oliveira, às 11; do hospital de S. José; Joaquim Maria da Gama Franco, às 11; da Morgue; João Pedro Oliva, às 14; do largo do Museu Agrícola, 32; Fernando dos Santos, às 14; da rua do Salgueiro, 105; Maria Rita Pereira, às 10; do hospital de Régio; José Joaquim Rosa, 28; Maria dos Prazeres Dias, às 15; da rua da Bica do Marquês, 35; Gracinda Machado Lopes, de 16; da rua de S. Pedro, 22; José Dias do Nascimento, às 11; da rua do Marques de Alegrete, 6; Emilia de Conceição Pereira, às 14, da calçada do Grilo, 12.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 5 de Junho no cemitério oriental: D. Maria José de Almeida, 85 a.; João, 38 a.; Felio de Sousa Martins, João de Sousa da Silva, 15 a.; Ana Guilhermina da Conceição Soares, 64 a.; Izaura da Silva Luiz, 18 a.; Teresa Ferreira, 45 a.; Jaime de Silva, 3 a.; 17 m. João de Jesus Marques, 31 a.; Fernando Fernandes de Almeida, 1 a.; Alice de Jesus Peres, 1 a.; Luiz Lopes, 40 a.; Joaquim Martins, 48 a.; Ana da Conceição Diniz, 82 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério oriental: Luísa de Jesus Franco Costa, 88 a.; José Inácio Martins, José Manuel dos Santos, 47 a.; Artur Sarmento Vasconcelos, 58 a.; Joaquim Simões Régio, 2 a.; Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

OBITUARIO Cadáveres inhumados no dia 6 de Junho no cemitério de Ajuda: Luíza da Conceição, 40 a.; Maria do Rosário, 54 a.; João de Passos Barbosa, 2 m. 2 d. da rua de S. Pedro, 22; João de Silva, 15 m. Maria Piedade, 30 a.; Germano Lopes de Silva, 2 a.; João António, 32 a.

